





LEIF GW PERSSON

Linda, como no caso do assassinato de Linda

TRADUÇÃO DE Mauro Pinheiro



Copyright © Leif GW Persson, 2005 Publicado mediante acordo com Salomonsson Agency.

TÍTULO ORIGINAL EM SUECO Linda – som i Lindamordet

Traduzido da edição britânica (Linda, as in the Linda Murder)

PREPARAÇÃO Ana Resende

REVISÃO Breno Barreto

Gabriel Pereira

DIAGRAMAÇÃO Ilustrarte Design e Produção Editorial

FOTO DE CAPA Leif Zetterling

máscara da foto de capa Pernilla Stödberg

ADAPTAÇÃO DE CAPA Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P554L

Persson, Leif GW

Linda, como no caso do assassinato de Linda / Leif GW Persson; tradução Mauro Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

432 p.; 23 cm. (Bäckström; 1) Tradução de: Linda, as in the Linda murder ISBN 978-85-8057-760-0

1. Romance sueco. I. Pinheiro, Mauro. II. Título. III. Série.

15-22552 CDD: 839.73 CDU: 821.113.6-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3° andar 22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Maj Sjöwall e Per Wahlöö que fizeram melhor do que quase todo mundo.

Växjö, sexta-feira, 4 de julho

Foi uma vizinha que encontrou o corpo de Linda e, sob todos os aspectos, foi muito melhor assim do que se a mãe da moça a tivesse encontrado. Isso também evitou que a polícia perdesse bastante tempo. Sua mãe não planejava voltar da casa no campo antes do fim do dia de domingo, e a filha e ela eram as únicas moradoras do apartamento. Quanto mais cedo melhor, no que dizia respeito à polícia, especialmente se tratando de uma investigação de assassinato.

O alarme soou na central de comunicação da polícia de Växjö às oito e cinco da manhã e uma viatura de patrulha na vizinhança atendeu o chamado. Apenas três minutos depois, os policiais entraram em contato de volta com a central. Estavam no local, a mulher que avisara estava em segurança no banco traseiro da viatura, e eles se preparavam para entrar no prédio e fazer uma inspeção.

Na central, o policial de plantão recebera a chamada. Os dois policiais mais jovens que se encarregaram da missão já tinham conseguido criar uma reputação na polícia local. Infelizmente, não era uma muito favorável e, como o policial de plantão tinha o dobro da idade deles, trinta anos de serviço, e já passara por situações bem complicadas, seu primeiro instinto foi o de enviar reforços. No entanto, enquanto refletia sobre isso, o chamaram outra vez. Ligaram apenas oito minutos depois, e para o celular dele, de modo que o que tivessem a dizer não pudesse ser ouvido por outra pessoa. Eram oito e quinze.

Extraordinariamente, apesar da idade, experiência e reputação, eles agiram da maneira correta, para variar. Fizeram tudo o que se esperava deles, sendo que um chegara a fazer ainda mais, obtendo assim uma pequena estrela de ouro na sua ficha de serviço, de um modo que jamais tinha sido visto no histórico do Departamento de Polícia de Växjö.

Num dos quartos do apartamento eles encontraram uma mulher morta. Tudo indicava que tinha sido assassinada, e que isso ocorrera apenas poucas horas antes. Não havia vestígios do criminoso, exceto por uma janela aberta no quarto que

dava para os fundos do prédio, o que, pelo menos, já oferecia alguma indicação de como ele deixara a cena do crime.

Infelizmente, havia uma complicação. O jovem policial que falou com o que estava de plantão tinha certeza de que reconhecia a vítima. E se ela fosse quem ele achava que era, isso significava que o policial de plantão a encontrara em várias ocasiões durante o verão e, mais recentemente, no dia anterior.

— Isso não é bom, não é nada bom — murmurou o homem, mais para si mesmo, pelo que pareceu.

Em seguida, ele pegou a breve lista de instruções do que fazer caso acontecesse o pior durante seu turno. Uma folha A4 plastificada com dez coisas a lembrar e um cabeçalho provocador: Se a merda for parar no ventilador. Ele a deixava debaixo do bloco de registros no início de cada plantão, e já fazia quase quatro anos desde a última vez que tivera motivo para usá-la.

— Muito bem, rapazes — falou o homem. — Vamos fazer o seguinte...

Ele também fizera tudo o que razoavelmente se podia esperar. No entanto, não mais do que isso, porque, na sua idade, esse tipo de agitação não é recomendável.

A primeira viatura a chegar ao local do crime trazia os dois jovens policiais de Växjö. Um deles era o inspetor interino Gustaf von Essen, de trinta anos, e conhecido na corporação como Conde, por causa do seu nome, embora sempre tomasse o cuidado de advertir que, na verdade, ele era só "um simples barão". O outro policial no veículo era quatro anos mais novo: Patrik Adolfsson, conhecido como Adolf por motivos que, infelizmente, não se limitavam ao sobrenome.

Quando atenderam à chamada, eles estavam a poucos quilômetros do endereço informado, voltando para a delegacia. Como praticamente não havia trânsito naquele trecho àquela hora da manhã, Adolf deu um cavalo de pau e pisou fundo, seguindo pelo trajeto mais curto, sem ligar as luzes nem a sirene, enquanto Conde ficou atento a qualquer movimentação suspeita na direção oposta.

Os dois somavam quase duzentos quilos de excelência da polícia sueca. Músculos e ossos, basicamente, com todos os sentidos e as funções motoras na melhor forma possível. Juntos, eles eram a resposta dos sonhos de qualquer cidadão que ligasse para a polícia e denunciasse a presença de três arruaceiros desconhecidos na sua varanda, tentando arrombar a porta da frente.

Quando estacionaram em frente ao prédio, na rua Pär Lagerkvists, onde o suposto crime havia sido cometido, uma mulher de meia-idade, nervosa, veio correndo na direção deles. Ela agitava os braços, gaguejando, e Adolf, que foi o primeiro a sair do carro, colocou, com gentileza, um dos seus braços ao redor dela, fazendo com que se sentasse no banco de trás da viatura e lhe assegurando

que "estava tudo bem agora". Enquanto o Conde se posicionava nos fundos do prédio, empunhando a arma, para o caso de o criminoso ainda estar lá e pretender fugir por aquele lado, Adolf verificou rapidamente a entrada do local e depois subiu até o apartamento. Entrou com facilidade, pois a porta estava escancarada.

Foi nesse momento que ele fez por merecer a estrela de ouro, antes de pôr em prática, pela primeira vez, todas as outras coisas que lhe ensinaram na Academia de Polícia de Estocolmo. Depois de sacar a pistola, ele inspecionou o apartamento, se esgueirando pelas paredes, para não mexer em nada que atrapalhasse depois os colegas da polícia científica, e tampouco fornecer um alvo fácil ao criminoso, caso ele ainda estivesse ali, desesperado para fugir. Mas a única pessoa ali era a vítima, que estava deitada na cama do quarto, imóvel, sob um lençol manchado de sangue que cobria sua cabeça, tronco e parte das coxas.

Pela janela aberta do quarto, Adolf avisou ao Conde que a escada estava livre para ele dar uma olhada; em seguida, guardou a arma e pegou a pequena câmera digital, que trazia sob a axila esquerda. Depois de tirar três fotos diferentes do corpo ainda coberto, removeu cuidadosamente o lençol para verificar se a mulher estava viva ou morta.

Com o dedo indicador da mão direita, ele localizou a artéria carótida, embora fosse totalmente desnecessário, na verdade, considerando o laço em volta do pescoço e a expressão nos olhos da jovem. Depois, colocou a mão delicadamente em suas bochechas e têmporas. Ao contrário das mulheres vivas que havia tocado desse mesmo jeito, sentiu sua pele sem vida e rígida ao toque das pontas dos dedos.

Ela parece bem morta, ainda que não esteja morta há muito tempo, pensou.

Mas ele também a reconhecera. Não como alguém que tivesse apenas visto antes, mas como uma pessoa que ele realmente conhecia, com quem já conversara e chegara a fantasiar depois. O mais estranho de tudo, embora não tivesse a menor intenção de um dia revelar isso a alguém, era que ele nunca se sentira tão *presente* quanto naquele instante. Totalmente presente, ainda que, ao mesmo tempo, parecesse que estava distante dali, observando a si mesmo. Como se nada daquilo tivesse qualquer coisa a ver com ele, e, menos ainda, com a mulher morta estendida na cama, muito embora poucas horas antes ela estivesse tão viva quanto ele.

A testemunha que encontrara a vítima e chamara a polícia respondeu às perguntas de dois inspetores, pela primeira vez, por volta das dez da manhã. Seu depoimento foi gravado e transcrito no mesmo dia. Deu cerca de vinte páginas impressas. Margareta Eriksson, cinquenta e cinco anos, viúva, sem filhos, moradora da cobertura do prédio em que a vítima e sua mãe moravam.

A última página da transcrição trazia a observação de que a testemunha havia sido informada de que deveria manter sigilo sobre sua declaração, o que ia de acordo com o parágrafo dez, capítulo vinte e três, do Decreto de Procedimento Judicial. Entretanto, ela não esboçou nenhuma reação ao fato de poder ser punida, caso revelasse a qualquer um o conteúdo daquele interrogatório. Isso não era tão estranho assim. Normalmente, não se registrava isso e, além do mais, ela reagira da mesma forma que a maioria das pessoas quando recebem uma notificação como essa: estava claro que ela não era do tipo que sai por aí fofocando sobre coisas desse gênero.

O prédio, composto de um porão, quatro andares e um sótão, pertencia a uma associação de proprietários que era presidida pela testemunha. Dois apartamentos em cada um dos três primeiros andares e outro, com o dobro do tamanho, na cobertura, onde a testemunha morava. No total eram sete imóveis, todos de propriedade de pessoas de meia-idade ou mais idosas, solteiras e casadas com filhos adultos, que já não moravam mais ali. Quando o crime aconteceu, a maior parte delas tinha saído de férias.

O apartamento onde ocorrera o homicídio pertencia à mãe da vítima, e, segundo a testemunha, a vítima, de tempos em tempos, se mudava para lá também. Recentemente, a testemunha tinha visto a filha com bastante frequência, mas a mãe estava de férias, passando a maior parte do tempo em sua região de origem, Sirkön, uma ilha vinte quilômetros ao sul de Växjö.

O apartamento composto por sala, três quartos e cozinha era no térreo, isso se visto da rua, pois, como o prédio ficava numa ladeira, nos fundos, a parte de trás

do apartamento ficava um andar acima e dava para um pátio que levava a uma pequena área arborizada, onde havia algumas casas e poucos prédios.

A testemunha tinha cães e, segundo seu depoimento, fazia muitos anos que os animais eram seu principal interesse. Atualmente, estava com dois, um labrador e um spaniel, que ela levava para passear quatro vezes por dia, durante uma hora, no mínimo.

"Sou uma pessoa matinal. Levantar cedo nunca foi um problema para mim. Detesto ficar na cama depois de acordar."

Ao voltar para casa, ela geralmente tomava o café da manhã e lia o jornal, enquanto seus cães comiam a "ração matinal". Ao meio-dia, dava outro passeio com os animais, que também durava cerca de uma hora e, ao retornar, ela costumava almoçar, enquanto seus amigos quadrúpedes eram recompensados com uma "orelha de porco ou outra coisa gostosa de comer".

Às cinco da tarde, ela saía novamente, mas desta vez por pouco tempo, cerca de meia hora, para que sobrasse tempo para jantar e, com calma e tranquilidade, dar a "ração vespertina de Peppe e Pigge", antes de chegar a hora de ligar a televisão para o noticiário noturno. Depois, vinha a hora do "último pipi", entre dez e meia-noite, dependendo do que mais a televisão tivesse a lhe oferecer.

Em outras palavras, ela seguia uma rotina fixa que, em grande parte, parecia ser ditada pelos cães. Em geral, dedicava suas horas livres para resolver algumas coisas no centro da cidade, encontrar com amigos — "na verdade, quase todos são mulheres como eu e outros donos de cachorros" — ou então ficava trabalhando em casa.

Seu marido, que havia morrido dez anos antes, tinha sido contador autônomo, e ela o auxiliava em meio expediente. Depois de sua morte, ela continuou ajudando alguns dos seus antigos clientes com as contas. No entanto, sua principal fonte de renda vinha da pensão deixada pelo marido.

"Ragnar sempre foi muito cuidadoso com essas coisas, por isso, não tenho com o que me preocupar."

O interrogatório fora realizado no apartamento dela. Os policiais que lhe fizeram as perguntas puderam ver com os próprios olhos que não havia razão para duvidar dessa última informação. Tudo ao redor indicava que Ragnar cuidara para que o sustento da esposa fosse garantido após sua morte.

Às onze horas da noite anterior, enquanto estava ocupada com o que chamava de "último pipi", ela vira a vítima sair pela porta da frente do prédio e seguir na direção do centro da cidade.

"Parecia que ela estava indo a uma festa, mas tenho a impressão de que, atualmente, a maioria dos jovens se veste assim, independentemente da hora do dia."

A testemunha estava a uns trinta metros, rua acima, e as duas não se cumprimentaram, mas tinha certeza de que era a vítima que ela vira.

"Acho que ela não me viu. Devia estar com pressa, senão certamente teria me cumprimentado."

Cinco minutos depois, a testemunha estava de volta ao próprio apartamento e, seguindo sua rotina, deitara-se e adormecera quase imediatamente, e isso era tudo de que conseguia se lembrar da noite anterior.

O verão excepcional começara antes, já em maio, e não parecia querer chegar ao fim. Dia após dia, sem qualquer brisa, o sol queimando, o céu azul-claro, impiedoso, sem nuvens nem sombras. Todos os dias as temperaturas batiam novos recordes, e, na manhã seguinte, ela saíra bem cedo com os cães, às seis e meia da manhã.

Era bem mais cedo que o normal, mas considerando o "verão totalmente inacreditável... Não acho que sou a única a pensar assim... Eu queria evitar as piores horas". E todo dono de cachorro responsável sabe que os cães não são capazes de fazer muito esforço quando está quente demais.

Ela seguira o itinerário de sempre. Virou à esquerda, ao sair pela porta da frente do prédio, subiu a rua, passando diante das propriedades vizinhas e, depois, desceu pelo atalho à direita, na direção da parte mais ampla do bosque, que começa a algumas centenas de metros atrás do prédio onde ela mora. Meia hora mais tarde, quando o calor ficou insuportável, embora não passasse muito das sete horas, ela resolveu dar meia-volta e ir para casa. Peppe e Pigge estavam ofegantes, e ela própria ansiava pela sombra que teria dentro do apartamento, além de uma bebida gelada.

Mais ou menos no mesmo instante em que ela resolveu voltar para casa, o céu se encheu subitamente de nuvens, ficando cinza, o vento começou a agitar as árvores e os arbustos, e se ouviam os trovões cada vez mais próximos. Quando as primeiras gotas de chuva pesadas caíram, ela estava apenas a algumas centenas de metros de casa, e começou a correr, mesmo que não fizesse diferença, pois a chuva logo se transformou num temporal e ela estaria encharcada quando chegasse nos fundos do prédio.

Nesse momento notou a janela do quarto da vizinha aberta e batendo por causa do vento; as cortinas já ensopadas.

Assim que entrou no saguão do prédio — "devia ser umas sete e meia, se me lembro bem" —, ela tocou a campainha da vizinha várias vezes, mas ninguém atendeu à porta.

"Achei que ela devia ter chegado tarde em casa e aberto a janela. Não sei de que adiantaria isso, pois faz muito mais calor do lado de fora do que dentro

de casa. De qualquer maneira, quando saímos para o último pipi, a janela estava fechada, porque geralmente reparo nesse tipo de coisa."

Como ninguém apareceu na porta, ela pegou o elevador até seu andar. Depois de enxugar os cães, ela trocou de roupa. Não estava de muito bom humor.

"Na verdade, aqui é uma propriedade coletiva, então é preciso levar a sério os danos causados pela água. Sem falar no risco de roubo. É verdade que o parapeito da janela fica a alguns metros do chão, mas tenho a impressão de que não passa um dia sem que apareça alguma notícia nos jornais sobre assaltantes levando tudo das pessoas. E mesmo se estiverem drogados, não deve ser difícil pegar uma escada emprestada com um colega, não é?"

Mas o que ela devia fazer? Falar com a garota na próxima vez que esbarrasse com ela? Ligar para a mãe dela, denunciando a moça? Duas semanas antes, caíra uma tempestade parecida, mas durou apenas dez minutos e parou tão bruscamente quanto começara, e o sol voltou a brilhar num límpido céu azul, o que acabava sendo bom para os gramados e as plantas. Mas desta vez foi diferente, e quinze minutos depois, enquanto ela enchia a tigela com as rações dos cães e preparava um café para si própria, a chuva continuava caindo com a mesma força, levando-a a tomar uma decisão.

"Como eu disse, sou a síndica do prédio e temos o hábito de cuidar uns dos outros aqui. Especialmente no verão, quando muita gente sai de férias. Por isso, tenho cópia das chaves da maioria dos apartamentos."

Então, ela pegou a cópia da chave que a mãe da vítima lhe dera, desceu de elevador até o térreo, tocou a campainha mais algumas vezes, "no caso de ela estar mesmo em casa, no fim das contas", depois destrancou a porta e entrou no apartamento.

"Acho que estava no estado que era de se esperar, quando os jovens ficam sozinhos em casa, então, não dei muita atenção. Acho que eu disse alguma coisa, para ver se havia alguém lá dentro, mas não tive resposta, então entrei... no quarto... hum... e foi lá que vi o que tinha acontecido. Percebi na hora. Então, eu... me virei e saí correndo para a rua. Fiquei apavorada, pensando que o assassino ainda podia estar por lá. Felizmente, eu estava com o celular e liguei para o número de emergência... Sabe, o um-um-dois. E atenderam na mesma hora, apesar de lermos nos jornais que os policiais estão sempre ausentes."

Ela acabou não fechando a janela do quarto, o que não fez diferença, pois já tinha parado de chover quando a primeira viatura policial chegou lá, e qualquer estrago causado pela chuva era completamente irrelevante àquela altura. O policial Adolfsson não tinha intenção de fechá-la, é claro. Na verdade, ele notara que havia extensos vestígios de sangue diluídos no parapeito, mas preferiu deixar aquele detalhe específico para seus colegas da polícia científica.

O verão mais quente de que se tem lembrança, uma vizinha que passeava com seus cachorros pelo mesmo trajeto todas as manhãs e que, por acaso, tinha a cópia da chave do apartamento da vítima, um temporal repentino, uma janela aberta. As circunstâncias funcionando juntas, a mão do destino, se preferir, mas seja lá como queira chamar, foi assim que a polícia conseguiu deduzir o que tinha acontecido. E, considerando as alternativas, este estava longe de ser o pior dos resultados.

O policial de plantão, sem dúvida, tinha feito a sua parte. Em menos de duas horas, todos que deviam estar no local do crime compareceram. Infelizmente, várias pessoas que não fariam a menor falta se não estivessem presentes também apareceram, mas não havia nada que ele pudesse fazer quanto a isso, e a área em torno do prédio fora isolada, assim como a rua em frente, nos dois sentidos.

Policiais uniformizados iniciaram uma busca sistemática pelas propriedades vizinhas e imediações, enquanto os cães farejadores tentavam encontrar o rastro que o criminoso supostamente deixou ao pular da janela no pátio dos fundos. Não tiveram sucesso, mas considerando o temporal que caíra duas horas antes, isso não chegou a surpreendê-los.

A polícia científica começara a revistar o apartamento. O médico legista já havia sido chamado e estava a caminho, vindo de sua casa no campo. Os policiais locais já tinham feito as primeiras perguntas para a testemunha que encontrara o corpo, e os pais da vítima haviam sido informados sobre o ocorrido e levados para a delegacia. Não demoraria muito para os policiais uniformizados começarem a bater de porta em porta naquela área, e todos os itens da lista do policial de plantão — com exceção do último — tinham sido realizados e assinalados.

Quando se certificou de que tudo estava em ordem, ou, pelo menos, encaminhado, ele se dedicou ao derradeiro item da lista, ligando para o comissário de polícia responsável por aquela área. Surpreendentemente, mesmo sendo uma sexta-feira daquele verão perpétuo, quando o homem devia estar de férias na sua casa de campo, no litoral de Oskarshamn, a uns cem quilômetros de Växjö, ele estava à sua mesa, alguns andares acima, no mesmo prédio do policial de plantão. Falaram por cerca de quinze minutos ao telefone. Principalmente sobre a vítima, e quando a conversa terminou, apesar de experiente e calejado, o policial de plantão de súbito se sentiu inexplicavelmente deprimido.

Era mesmo curioso, porque, em geral, ele ficava orgulhoso ao se recordar da última vez em que precisara consultar sua lista manuscrita. Ele havia sido trans-

ferido e passara algum tempo na divisão vizinha, em Kalmar, quando dois dos maiores arruaceiros da cidade tinham começado a atirar desvairadamente no meio do dia, no meio da cidade, em meio a todos os cidadãos decentes cumpridores da lei. Dezenas de tiros sendo disparados para todas as direções possíveis. Como por milagre, só conseguiram atingir um ao outro, e uma coisa dessas só podia acontecer em Småland, pensara o policial de plantão na época.

O comissário de polícia também não ficou nada contente. Era preciso reconhecer que ele não era um investigador criminal, e um de seus preceitos na vida era nunca adiar os problemas, mas aquele caso não estava mesmo lhe cheirando bem. Apresentava todos os indícios de uma investigação básica de assassinato. Se algo saísse errado — o que não era improvável, considerando a identidade da vítima —, haveria a séria possibilidade de ele acabar se sentindo como todas as pessoas parecidas com ele sempre ficam quando, injustamente, dá tudo errado no trabalho.

Durante o discurso que proferira na semana anterior, após o jantar, ele passara bastante tempo falando sobre os recursos limitados da polícia e concluíra fazendo uma comparação entre a sua divisão e "uma cerca inadequada e malconservada tentando manter afastados os níveis crescentes de criminalidade".

O discurso fora muito apreciado e ele próprio ficou particularmente satisfeito com sua metáfora da cerca, que considerou, ao mesmo tempo, criativa e bem-formulada. E não foi o único a pensar assim: o editor-chefe do maior jornal local estivera presente no mesmo jantar e, quando o café e o conhaque foram servidos, ele lhe parabenizara. Mas isso foi antes. No momento, o comissário não fazia ideia de que rumo as reflexões do editor-chefe tomariam nas próximas horas.

O pior de tudo eram seus sentimentos pessoais, inteiramente particulares. Ele conhecia o pai da vítima, e já estivera com a filha dele — a vítima do crime — em diversas ocasiões. Lembrava-se dela como uma jovem encantadora, e, se tivesse uma filha, ficaria feliz se ela fosse parecida e se comportasse como aquela moça. O que está acontecendo?, perguntou-se ele. E por que diabo isso está acontecendo em Växjö, onde não houvera nenhum caso de assassinato durante todos aqueles anos em que trabalhava ali? No meu turno e, ainda por cima, no meio do verão.

Nesse instante tomou uma decisão. Não importava que a cerca estivesse sob intensa pressão atualmente. Apesar das férias e de outras investigações estarem em andamento, era o momento de se preparar para o pior. Então, ele pegou o telefone e ligou para seu velho amigo dos tempos de faculdade para lhe pedir ajuda. A quem mais poderia recorrer numa situação como aquela?

Após a conversa, que durou menos de dez minutos, o comissário ficou bastante aliviado, sentindo-se quase liberado. A ajuda estava a caminho, a melhor ajuda

possível da parte do esquadrão de homicídios da lendária Divisão Federal de Investigações Criminais, e o chefe prometera que chegaria naquele mesmo dia.

Ele também conseguira desempenhar honrosamente as primeiras etapas daquela missão. Reconhecia que não receberia uma estrela de ouro, nem mesmo uma de prata, mas provavelmente uma de bronze, por ter cuidado de um detalhe prático considerável. Depois, foi logo instruindo a secretária a ligar para o Town Hotel e reservar seis quartos de solteiro para os próximos dias, solicitando que fossem próximos e, preferivelmente, isolados dos demais aposentos do hotel.

Os funcionários do Town Hotel ficaram felizes, porque estavam na calmaria dos meses de verão e havia vários quartos vazios, mas esse não seria mais o caso poucas horas depois naquele mesmo dia, quando não haveria mais nenhuma vaga disponível em hotel algum do centro de Växjö.

Evert Bäckström é um policial machista e autocentrado. Um homem capaz de sentir afeto apenas por seu peixinho dourado e suas garrafas de bebida — o retrato da mediocridade e da mesquinhez. Em um verão sueco especialmente quente, ele e sua equipe são designados para investigar o crime que colocou a pequena cidade de Växjö nas manchetes de todos os tabloides: o caso do assassinato de Linda, uma aluna da Academia de Polícia brutalmente estuprada e morta.

Egoísta, vaidoso e cheio de preconceitos, sem nenhum senso de dever nem responsabilidade, Bäckström dá mais trabalho a seus colegas de profissão do que vários bandidos juntos, mas, mesmo assim, o caso é dele. E não poderá ser arquivado sem solução.

"Bäckström é um dos heróis mais singulares do gênero." Financial Times

"Combina de modo inteligente política, corrupção e investigação policial."

The Times

